

## DOCUMENTOS PARA O ENSINO

### DEVANEIO IMAGINÁRIO NUM CONTEXTO URBANO-SINTÉTICO PORTUGUÊS

Marcamos encontro neste Largo, que é de facto o «centro» do núcleo mais antigo ainda visível (Est. 1) nesta cidade, para onde confluem as ruas medievais, estreitas e rodeadas por estes dois tipos de casas: as de «andar de ressalto», com os baixos em pedra e os pisos superiores salientes sobre a rua, em estrutura de madeira (Est. 2); e as de fachada com o telhado em bico, sem saliências e todas construídas em alvenaria de cima a baixo dos seus três pisos<sup>(1)</sup>. É fácil reconhecer umas e outras, pois para além dos ressaltos, bem visíveis, e dada a leveza desse tipo de construção, os guarnecimentos dos vãos são também de madeira (Est. 3) e nunca (ao contrário do que acontece com as de bico, tipo urbano aliás talvez filiado em modelos das cidades do litoral norte da Europa) em outros materiais pesados, como a pedra... Voltemos ao largo, criação urbana tipicamente portuguesa, se entendermos por isto a sua aconchegada escala, a «naturalidade» do seu aparecimento na sequência da malha, e a sua irregularidade atávica (Est. 4)...<sup>(2)</sup>.

Apercebemo-nos agora de que para além destas ruas, mais ou menos ligando sítios diferentes dentro da urbe antiga, e portanto «directas» (ou direitas como diríamos modernamente), há também uma série de becos e escadinhas de traçado tortuoso, e que não parecem ligar nada de especial dentro da cidade. Serão possivelmente sobrevivências de um conceito mais antigo de fazer cidade, árabe de tradição, e portanto imbuído de uma carga de recolhimento e ocultação que implica normalmente o não aparecimento

---

<sup>(1)</sup> Para consultar um levantamento sistemático destas e outras tipologias de habitação, ver «Evolução das Formas de Habitação Plurifamiliar na Cidade de Lisboa», 1979, por NUNO TEOTÓNIO PEREIRA, policopiado, Lisboa.

Para uma apreensão visual do ambiente urbano tardo-medieval, ver «Lisboa Velha», com imagens de ROQUE GAMEIRO, ed. 1923, Lisboa.

<sup>(2)</sup> Uma tentativa curiosa de classificação destes espaços urbanos foi ensaiada em «As Praças e Largos de Lisboa», por JOSÉ TUDELLA, Lisboa, 1977.

de fachadas para a rua (Est. 5), a complexidade viária algo desconexa (porque são as ruas que resultam das casas e não o contrário), e utiliza normalmente o pátio para, segundo uma atitude exigida no *Corão*, estar primeiro em contacto com Deus, e só depois com os homens... Nesse tipo de cidade, de que as nossas têm algumas heranças, o conceito de privacidade é determinante na organização do espaço urbano, para além dos espaços de encontro colectivo; o contrário do que podemos sentir na organizada e dinâmica urbe medieval ocidental, modelo também por nós herdado em parte... (Est. 6) (3).

Este sítio onde se encontra o Palácio de um lado e a Igreja de outro, marca o que foi um espaço de mercado e ao mesmo tempo de entrada pelas portas das antigas muralhas (Est. 7) que cercavam a cidade medieval. Com o tempo e o progresso dos transportes (os coches) dentro da urbe, foram gradualmente demolidos os arcos e as portas, e as muralhas, perdidas também as suas funções defensivas, serviram a pouco e pouco de suporte à construção de prédios em banda, de um e outro lado da sua estrutura; e se hoje não as vemos, podemos ler o seu antigo posicionamento graças a esses prédios e às ruas que os servem, ao longo dos montes e vales (Est. 8), ou seja, se as muralhas desapareceram enquanto elementos físicos, permanecem e perduram enquanto orientações da urbe, fixações e formas que muito dificilmente se desvanecerão...havemos de ir verificando que isso acontece com muitas outras construções na cidade (4).

O que em seguida nos aparece como parte integrante do actual centro da cidade, eram arrabaldes que foram sendo urbanizados, já fora de portas, e que para isso usaram a técnica já renascentista da malha reticulada, portuguesamente destorcida e algo irregularizada, tão aplicada nas instalações coloniais da Ásia e África, em modelo simbiótico com resíduos medievos de largos e ruas oblíquas... (5) Claro que os edifícios dessas áreas, inicialmente dos séculos XVI-XVII, foram sendo alterados ou substituídos. As alterações do séc. XVIII são fáceis de ler: correspondem a edifícios com o pé-direito bastante mais elevado (de dois metros e pouco anteriormente usados passa a três e muito) por questões higiénicas, e que, embora mantendo a expressão genérica de fachada, com janelas de sacada e de peito em 2 ou 3 pisos, exprimem normalmente uma muito maior ordem e rigor no desenho dos seus ele-

(3) As relações morfológicas entre cidade Portuguesa e Árabe foram abordadas em «A Propósito da Originalidade da Cidade Muçulmana» por JORGE GASPAR, in *Finisterra*, Vol. III, N.º 5, Lisboa, 1968, Ed. do Centro de Estudos Geográficos. Também a compreensão da organização da cidade medieval foi tentada em «A morfologia Urbana de Padrão Geométrico na Idade Média», do mesmo autor, in *Finisterra*, Vol. IV, N.º 8, 1969. Ver ainda «Et Arte y la Ciudad Medieval» de LEONARDO BENEVOLO, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1978.

(4) Um levantamento criterioso dos vestígios das antigas muralhas de Lisboa e sua relação com as construções adjacentes foi levada a cabo por A. VIEIRA DA SILVA, em «O Castelo de S. Jorge em Lisboa», «A Cerca Moura em Lisboa» e «A Cerca Fernandina em Lisboa», respectivamente editados em 1937, 1939, 1948, pela C.M.L.

(5) Sobre as cidades da Ásia, ver o artigo de MÁRIO T. CHICÓ, publicado no n.º especial da revista *Garcia da Horta* de 1956; em relação às constantes do sistema urbano colonial português, ver de M. J. MADEIRA RODRIGUES, «Olinda e Recife, uma situação de bipolaridade...» in *Boletim da A.N.B.A.* de 1979, 3.ª Série, N.º 1.

mentos, inspiração possível da modulação pombalina (Est. 9) (6). Essa leitura é mais fácil ainda nos edifícios de Oitocentos: além das mesmas características no alteamento das fachadas, toda a pormenorização sofre mudança; assim, é frequente o desaparecimento do beiral, substituído pela platibanda ou balaustrada (Est. 10) (remate mais prestigante porque de «estilo» — neoclássico — erudito, e mais adaptado ao urbano, pois evita a queda das águas pluviais directamente na rua, através de um sistema sofisticado de caleiras e tubos de queda). São também frequentes; o uso de ferros fundidos de desenhos complexos (neogóticos, clássicos) em vez do ferro dobrado em formas elementares do pombalino, nas guardas das varandas; o uso de vergas em pedra de arco de volta inteira ou ogival em vez das vergas rectas (Est. 11); e, sobretudo, a aplicação na fachada de azulejo de padrão estampilhado, industrial, que permite datar imediatamente a alteração ou obra nova (e aqui é necessário cuidado na observação de todos os pormenores, para descobrir se é uma ou outra) como sendo da segunda metade do séc. XIX. Ocorrem ainda outras intervenções mais recentes neste tipo de tecidos; mas deixaremos a sua caracterização para quando passarmos em áreas onde seja típico e frequente.

O processo urbano abrandou ao longo dos Seiscentos, Setecentos e princípios de Oitocentos, em todo o país. Não interessa aqui analisar as causas, mas sim o seu reflexo na construção: certa estratificação da cidade, que não cresceu como antes, não sofreu os engrandecimentos urbanísticos do Barroco, antes se fixou nas formas e estruturas existentes, com alguma expansão para os campos, muito frágil e desarticulada (Est. 12) em todo o caso. A Reconstrução pós-terramoto foi a excepção a este quadro, e retomou com maior rigor a malha reticulada, implementou um novo estilo de construção habitacional (7), com aproveitamento de elementos do solar tradicional (Est. 13) (que fizera a sua aparição no século anterior, com a planta em U que dizem ser influência do conceito de pátio (8) e das coberturas da Europa Central, usando telhados com inclinação desigual e mansarda, em síntese feliz dos engenheiros militares).

Retomemos a nossa viagem pela cidade, interrompida por devaneios explicativos algo extensos. Atravessamos agora uma das ruas de saída para os arredores, preenchida com habitação por todo o princípio do século XIX. e que integra algumas quintas de fases anteriores da urbe, antes isoladas, agora «entaladas»; observem que muitas delas foram reocupadas, em mudança de usos tão frequentes no sistema urbano, por camadas populares que, trabalhando nas fábricas, aqui se constituíram em comunidades de «pátios» (Est. 14), retomando, se quisermos, mais uma vez, essa tipologia tão constante na nossa arquitectura (9).

(6) Para o pombalino, consultar a obra de JOSÉ AUGUSTO FRANÇA, «Lisboa Pombalina e o Iluminismo», 2.ª ed., 1977, Liv. Bertrand, resumido em «A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina», in *Biblioteca Breve*, ed. I.C.L.P.

(7) Idem, Nota (6).

(8) Ver «Solares Portugueses — Introdução ao Estudo da Casa Nobre», por CARLOS DE AZEVEDO, Ed. Livros Horizonte, 1969, e «L'Évolution de l'Architecture Domestique au Portugal» por RAUL LINO, ed. Institut Français au Portugal, 1937.

(9) Uma análise interessante das vilas operárias foi feita em «Tradição, Transição e Mudança — A Produção do Espaço Urbano na Lisboa Oitocentista», por M. J. MADEIRA

Passamos agora junto de uma «rua particular», e isso significa uma forma de ocupação semelhante à anterior, mas já construída de raiz para isso: com ajuda do ferro, em longas galerias para ganhar espaço no interior das habitações (Est. 15), estas minúsculas e sem sanitários. Não vimos, ocultas pelas fachadas dos prédios de renda, outros pátios construídos nas suas traseiras, no espaço dos quintais, mas essa ocupação é também comum. Ao fundo da rua, uma zona de fábricas, uma passagem de nível e uma estação ferroviária em perfis de ferro (Est. 16) mostrando a relação entre factores, como produção, transporte e habitação operária, na construção da urbe industrial (que na nossa cidade não chega a ser totalmente transformadora da paisagem pela parcialidade e fracos índices que apresenta: a cidade tradicional continua e subsiste paralelamente)<sup>(10)</sup>; reparem ainda no pormenor da «tasca», junto ao largo (mais um) fronteiro à passagem de nível: a taberna sobrevive aqui, como lugar de convívio, jogos de homens, discussão e bebida. vestígio último de uma relação fraterna campesina, entre o abandono do mundo rural e a entrada no «snack» do come-rápido; estádio de transição onde o operário ainda se situa (Est. 17):

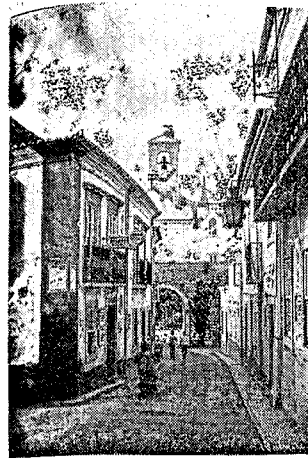
Os prédios pelos quais passamos o olhar têm vindo gradualmente a apresentar uma expressão mais erudita e requintada, e aqui e acolá já surgem alguns palacetes; as ruas alargam-se, tornam-se regulares e têm árvores numa vasta faixa central: são as avenidas, invenção francesa para uso do burguês de há cem anos, introdução da natureza na artificialidade urbana, compensadora dos fumos da indústria (se bem que alinhada, arregimentada sob a forma de árvores todas da mesma espécie)<sup>(11)</sup>. Os seus prédios, quando não são de rendimento, com 5-6 pisos e muitos saguões, são palacetes envolvidos por jardins, simulacro da quinta distante... (Est. 18); claro que aqui também aparecem renovações de funções urbanas: os prédios de escritórios recentes, de maior renda e muitos mais andares, com varandas penduradas e inúteis quando são dos anos Sessenta (os primeiros) (Est. 19) ou com fachadas lisas de alumínio, vidro e mármore se construídos nas últimas décadas.

Entre uns e outros aparece ainda um sem-número de variedades construtivas que o nosso século ensaiou: primeiro, abandonando gradualmente o modelo pombalino mais ou menos afrancesado, criando as escadas de serviço para o perigo dos incêndios nas traseiras (Est. 20), em contraponto às fachadas de complexo desenho Arte Nova, Terceiro Império ou neo-barroco (Est. 21 e 22) (a Arte Nova com seus frisos de azulejos de linhas curvas ondulantes, ou suas ferragens naturalistas de borboleta ou nenúfar; o III Império de obrigatórias pilastras hiper-decoradas com estuques abundantes de jarrões

RODRIGUES, Lisboa, in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, n.º 84. A tradição do Pátio na Ara. Portuguesa foi abordada por HELDER CARITA, JOÃO P. CONCEIÇÃO e RUI PIMENTEL em «A Casa dos Bicos», policopiado, 1981.

<sup>(10)</sup> Ver «Arqueologia Industrial do Bairro de Alcântara», coligido por JORGE CUSTÓDIO, L. RIBEIRO, L. SANTOS, da A.A.I.R.L., ed. Carris, Lisboa, 1981.

<sup>(11)</sup> Ver a revista *Arquitectura*, n.ºs 138 e 139 de 1980, dedicadas ao tema «Lisboa e as Avenidas».



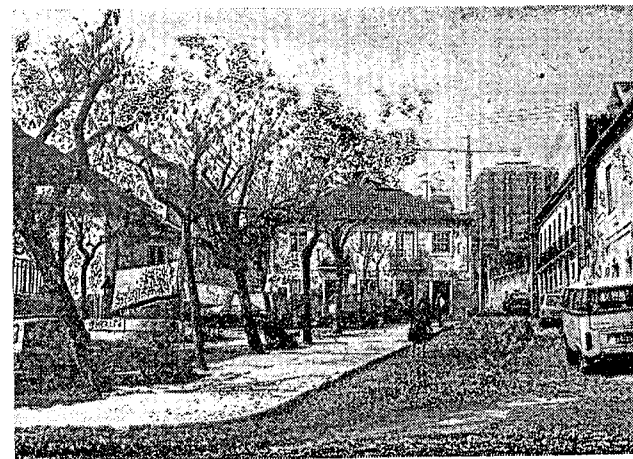
Est. 1 — Faro, centro histórico



Est. 2 — Porto, rua perto dos Clérigos



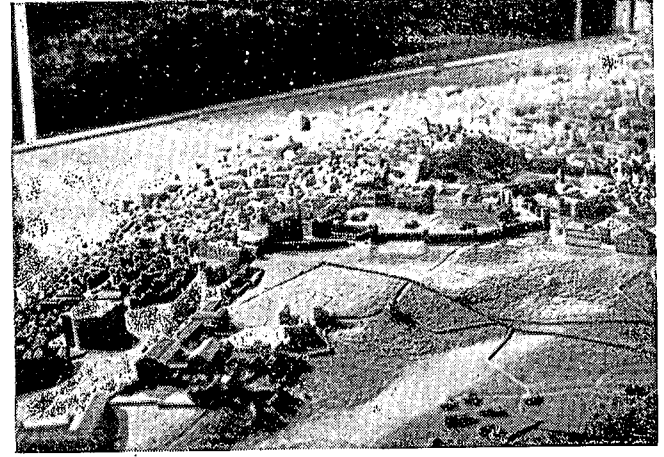
Est. 3 — Lamego, rua perto da Praça do Comércio



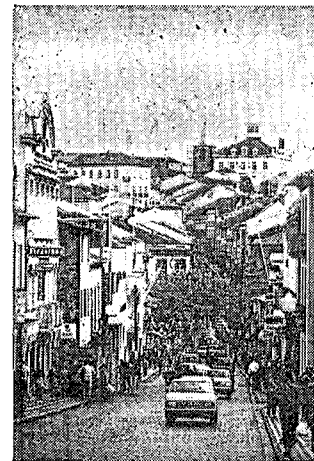
Est. 4 — Olivais-Velho, largo principal



Est. 5 — Lisboa, encosta de Santana



Est. 7 — Maqueta de Lisboa antes do Terremoto, zona da Feira da Ladra e Castelo (in Museu da Cidade, Lisboa)



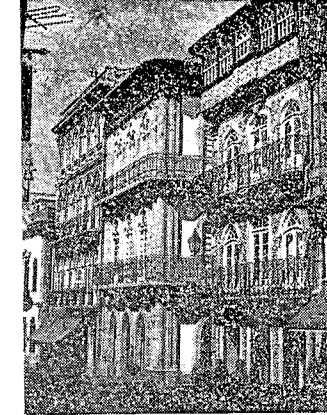
Est. 6 — Angra do Heroísmo, Terceira, rua principal



Fig. 8 — Lisboa, Largo das Portas do Sol



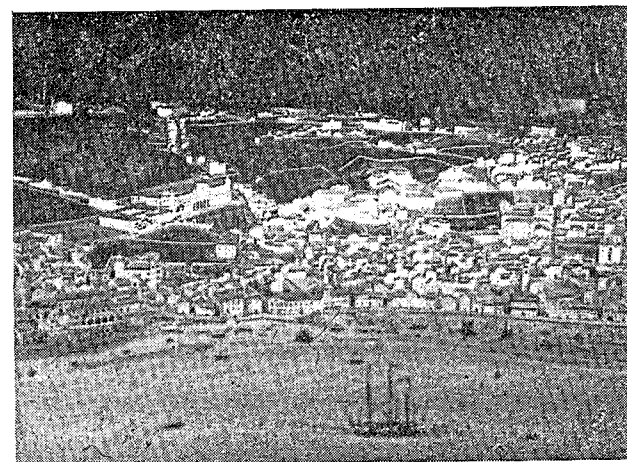
Est. 9 — Angra do Heroísmo, Terceira, Rua de Lisboa



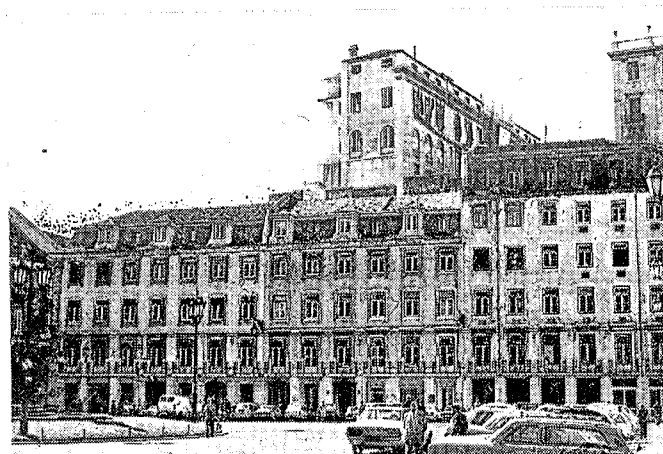
Est. 11 — Valença do Minho, centro histórico



Est. 10 — Lisboa, Praça Luís de Camões



Est. 12 — Maqueta de Lisboa, zona de S. Bento



Est. 13 — Lisboa, Largo do Pelourinho

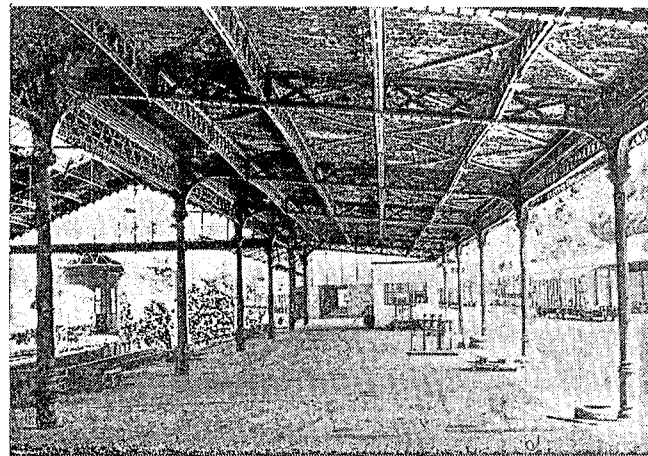


Est. 14 — Lisboa, pátio na Travesa de Sá à Avenida de Berna

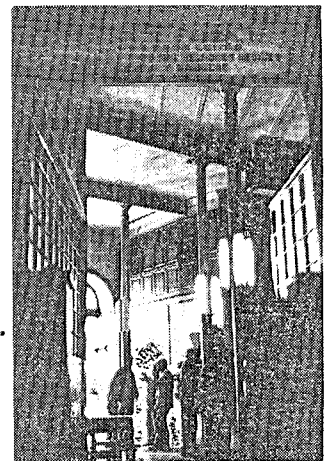




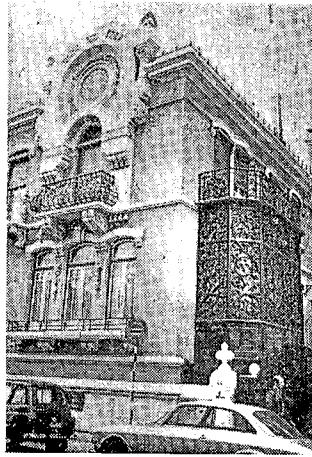
Est. 15 — Vila perto do Largo da Penha de França, Lisboa



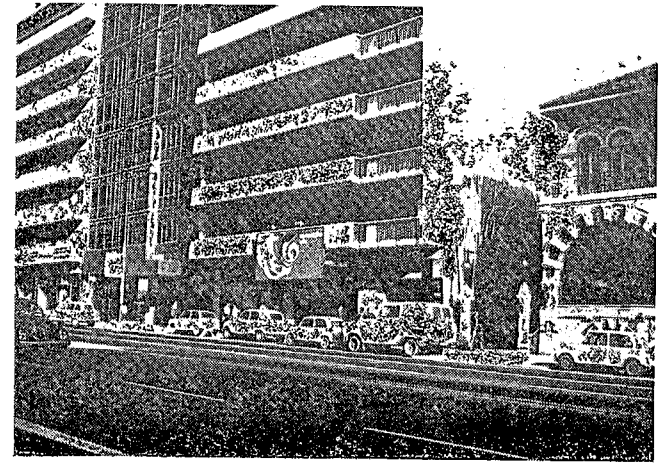
Est. 16 — Estação de Alcântara-Terra, Lisboa



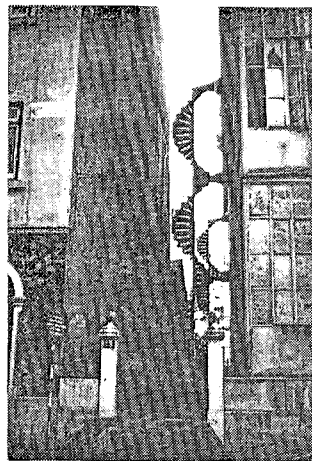
Est. 17 — Taberna em Alcântara, Lisboa



Est. 18 — Palacete ao Saldanha,  
Lisboa



Est. 19 — Avenida Fontes Pereira de Melo, Lisboa



Est. 20 — Serventia na Avenida  
Defensores de Chaves, Lisboa

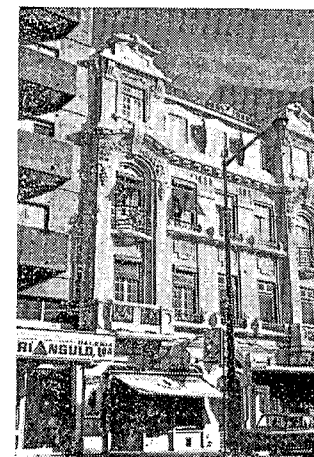


Est. 21 — Prédio na Rua Braancamp, Lisboa

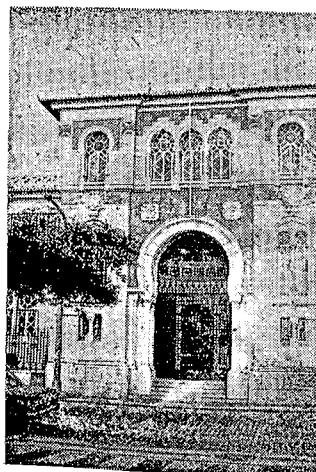




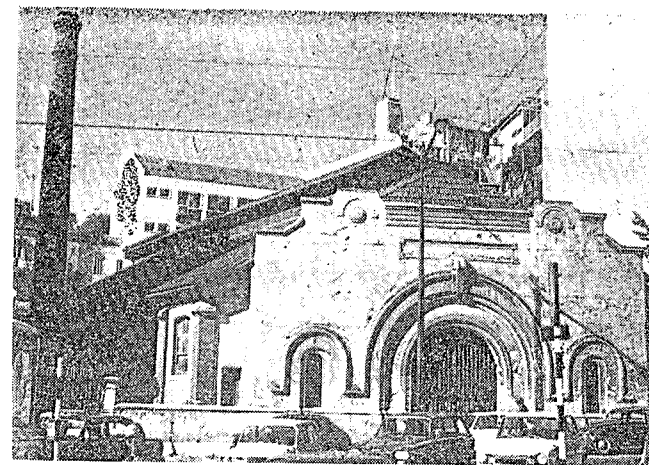
Est. 22 — Esquina de prédio em Campo de Ourique, Lisboa



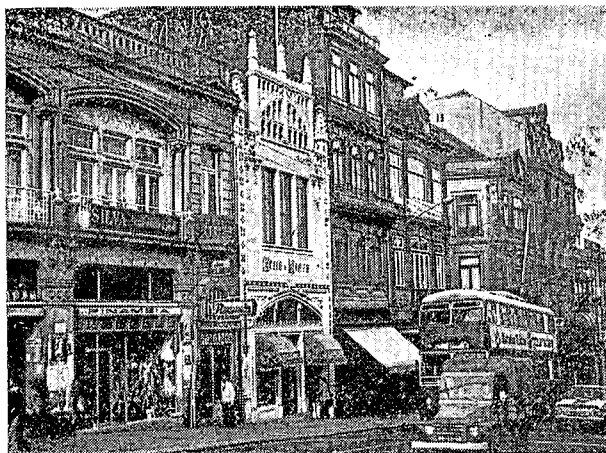
Est. 23 — Prédio na Avenida Almirante Reis, Lisboa



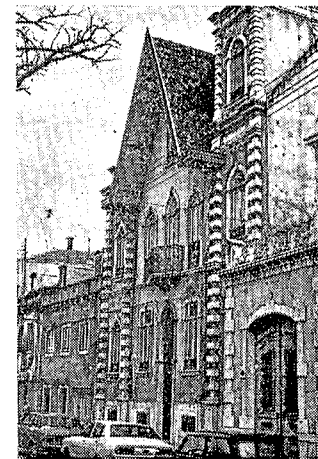
Est. 24 — Prédio em Faro, centro



Est. 25 — Prédio na Avenida Almirante Reis, frente à Igreja dos Anjos, Lisboa



Est. 26 — Rua dos Clérigos, Porto



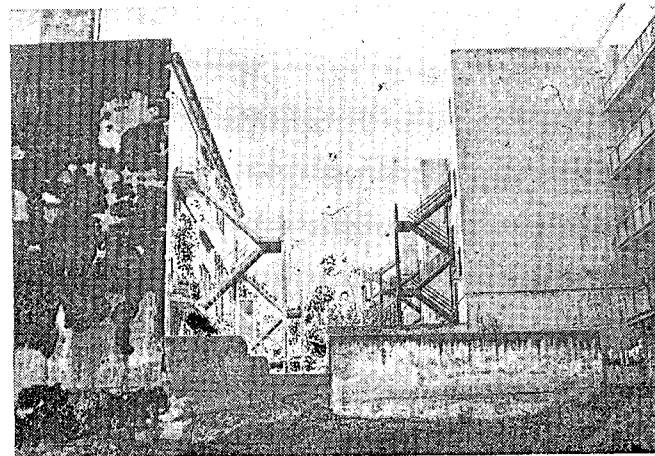
Est. 27 — Prédio na Cova da Piedade, Almada



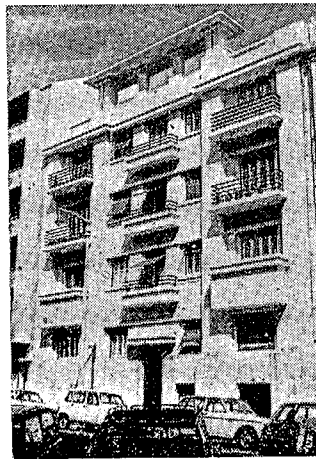
Est. 28 — Prédio em Cacém-Agualva



Est. 29 — Prédio na Avenida 5 de Outubro, Lisboa



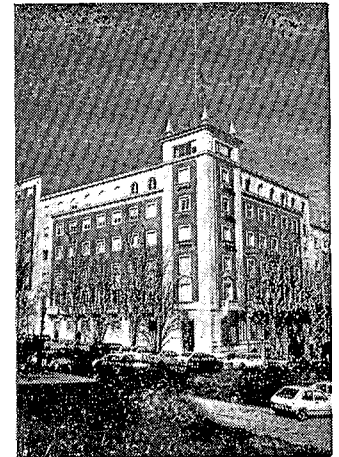
Est. 30 — Interior de quarteirão no Bairro Azul, Lisboa



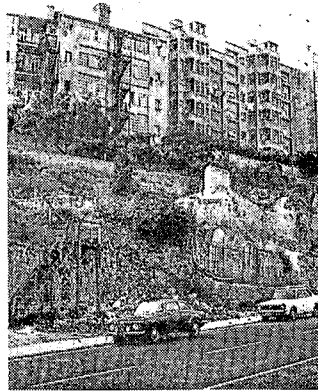
Est. 31 — Prédio no Bairro Azul, Lisboa



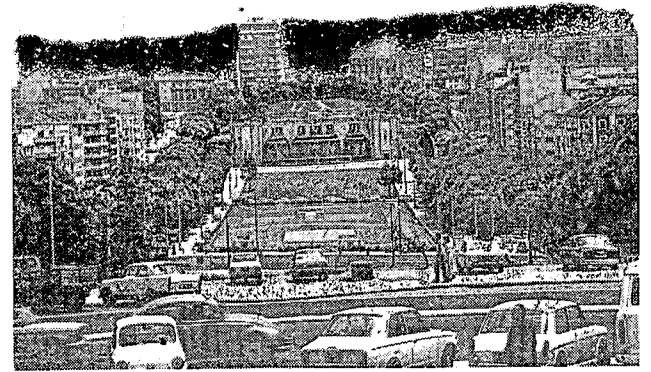
Est. 32 — Átrio na Avenida Óscar Monteiro Torres, Lisboa



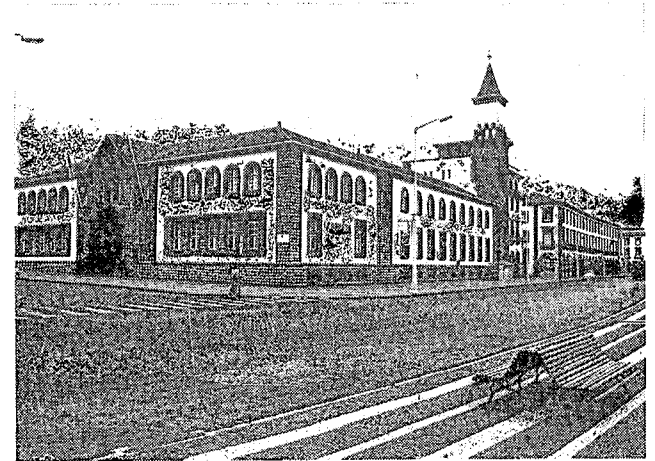
Est. 33 — Prédio junto ao Parque Eduardo VII, Lisboa



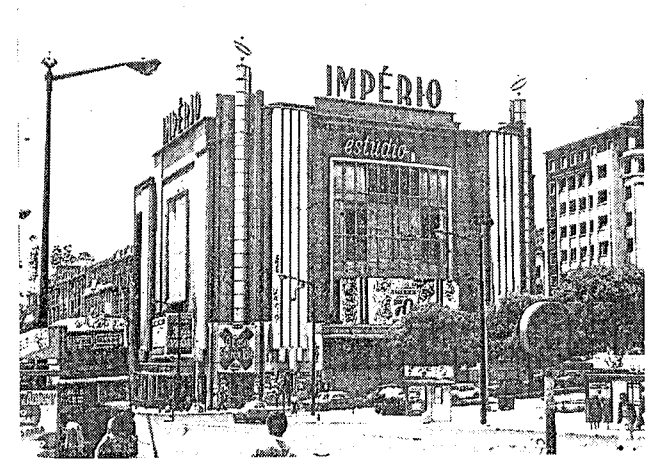
Est. 34 — Avenida Infante Santo, Lisboa



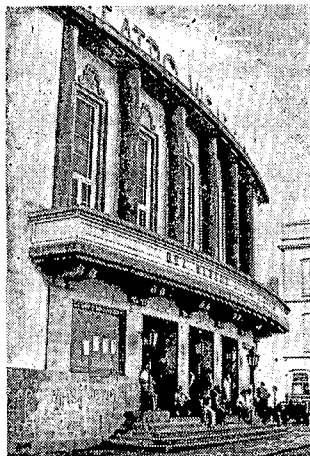
Est. 35 — Alameda D. Afonso Henriques, Lisboa



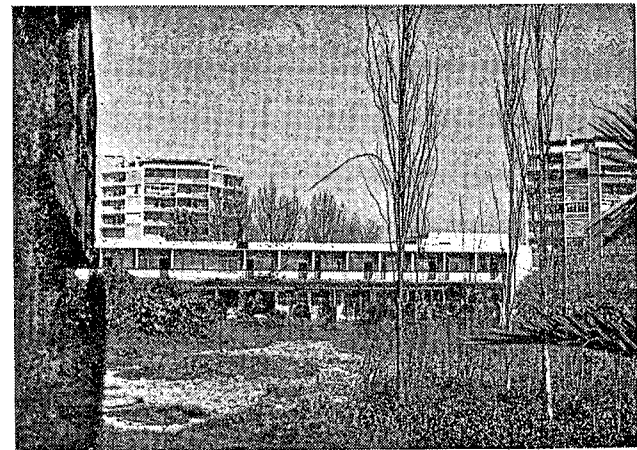
Est. 36 — Avenida Marginal, Ponta Delgada, S. Miguel



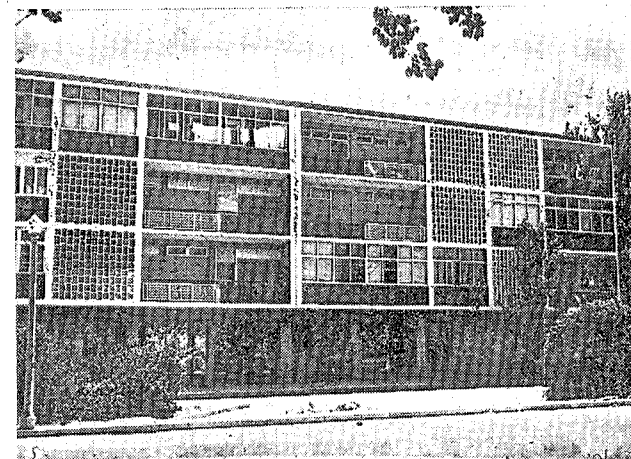
Est. 37 — Cinema Império, Lisboa



Est. 38 — Cineteatro Micaelense, Ponta Delgada, S. Miguel



Est. 39 — Nova Oeiras, Oeiras



Est. 40 — Prédio em Nova Oeiras, Oeiras



Est. 41 — Bairro das Estacas, à Avenida de Roma, Lisboa

e medalhões (Est. 23); as neo-barrocas com borbotões de pedra e reboco, plenas de «bow-windows», de volumes salientes e bojudos).

É também a época dos revivalismos, com o seu cortejo romântico de imitações dos estilos antigos: nesta rua podemos ver sucessivamente *um neo-árabe, sempre com ameias características e mosaicos cerâmicos* (Est. 24), *para além do inevitável arco em ferradura; um neo-românico, denso e pesado, de paredes fortes e arcos de volta inteira* (Est. 25) associado frequentemente a construções industriais; *um neo-gótico, ogival e verticalizante, que assume entre nós com frequência o gosto neo-manuelino mais nacional* (Est. 26); e, ao fundo, podemos ainda apreciar o «chalet», *estrangeirismo centro-europeu tão aplicado como marca de um bucolismo perdido...* (Est. 27) isto para além daquela «*casa portuguesa*» de beira-zinhos típicos, *contraponto nosso ao «chalet» de telhados angulosos algo apócrifos...* (Est. 28).

Depois é a vez dos ensaios modernistas com o betão armado, exigindo para os mesmos programas de casas, outra estética, mais despojada, simplificada: é a vez do Art Deco dos anos vinte-trinta avançar, estilo onde pilastras, jarrões, desenhos ondulantes, *são reduzidos à condição de imagem de si próprios, planificados em mosaicos cerâmicos* (Est. 29), cheios de discreção sob a forma de baixos relevos, enquanto as traseiras, afirmadas *nos sempiternos interiores de quarteirão, continuam com escadas em ferro, mais geometrizado, mais severo* (Est. 30), mostrando o todo um ecletismo de tecnologia assaz divertido: fachadas de alvenaria, ricamente decoradas; pavimentos de madeira com algum betão nas cozinhas e cobertura; traseiras com «marquise» de ferro<sup>(12)</sup>.

Deste modelo avança-se para *um outro estilo ainda mais depurado e simplificado, onde a decoração é praticamente abolida: aquelas varandas corridas, em betão e tijolo simplesmente rebocado, com a guarda reduzida a um simples tubo de ferro de secção circular pintado* (Est. 31), são as portas de entrada para a escada em ferro laminar, com desenhos algo aparentados com pinturas de Mondrian, e onde nos exemplos menos ricos podemos espereitar *um átrio de paredes revestidas de azulejo Art Deco policromo* (Est. 32) (e nos mais abastados, curiosamente, apenas pedra mármore branca e cinzenta)<sup>(12)</sup>. Como último andar da escala, podemos apreciar ainda nesta avenida uma série de exemplos dispersos do conhecido «português suave», expressão da arquitectura do Estado Novo, onde novamente regressa a decoração, *a poética revivalista (mais ou menos imitante do século XVIII) escondendo desta vez, ironicamente, a «verdade» dos materiais modernos* (Est. 33), pois na maioria são já construções totalmente em betão armado, *com o típico espaço de traseiras com escada exterior revestida de marmorite frequentemente róseo...* (Est. 34) (ou oculta na saliência que deu o nome de «Rabo de Bacalhau» à tipologia). As avenidas deram por sua vez lugar a *outro tipo de espaços, mais vastos, mais monumentais, onde os eixos de simetria imperam* (Est. 35), *onde aqui e acolá surgem grandes equipamentos como cinemas ou escolas* (Est. 36)

<sup>(12)</sup> Ver «Para o Estudo da Arquitectura Modernista em Portugal — A Evolução Estilística», publicado na revista *Arquitectura*, n.ºs 132, 133, 137, 138; Investigação da E.S.B.A.L. por mim coordenada.



com esferas armilares nos pincaros (Est. 37), ou estátuas hirtas nas entradas<sup>(13)</sup>. Afastamo-nos mais ainda, e chegamos finalmente a zonas de não-cidade, onde as ruas parecem fragmentar-se em *dezenas de prediozinhos isolados uns dos outros, com muita relva entre eles* (Est. 39), curiosamente ocupados apenas do primeiro andar para cima, com o rés-do-chão vazado e aberto. Aqui e acolá surgem blocos bastante altos, onde o elevador é fundamental, *apresentando fachadas extensas e monótonas, feitas de repetição de varandas e grelha-de-cozinha...* (Est. 40) mas aqui as distâncias são maiores, não conseguimos andar a pé por muito mais tempo, *a cidade passou a servir (-se) (d)o automóvel...*<sup>(14)</sup> (Est. 41); regressemos a casa, reflectamos nisto tudo, neste organismo complexo, apaixonante e aparentemente tão antigo como incontrolável que é a cidade...

JOSÉ MANUEL FERNANDES

<sup>(13)</sup> Ver «A Arquitectura do Fascismo em Portugal», por NUNO TEOTÓNIO PEREIRA e J. M. FERNANDES, in «O Fascismo em Portugal», Actas do Colóquio da Fac. Letras em 3/80, Lisboa, ed. A Regra do Jogo, 1982; Ver ainda a revista *Arquitectura*, n.º 142, 1981. «Portugal, Arquitectura e Fascismo», além do catálogo da exposição «Anos Quarenta», F. C. Gulbenkian, 1982.

<sup>(14)</sup> Ver «Arquitectura dos Anos 50 em Lisboa», por N. TEOTÓNIO PEREIRA e J. M. FERNANDES, in Revista *Arquitectura*, n.º 148, 1983.